



CURSO DE PSICOLOGIA

KENDO SARAIVA ALBANO

**SEXUALIDADE INTERDITA: O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DE
ADOLESCENTES COM TEA**

FORTALEZA

2023

KENDO SARAIVA ALBANO

**SEXUALIDADE INTERDITA: O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DE
ADOLESCENTES COM TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia pela Faculdade Ari de Sá.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo
Esmeraldo Filho

Aprovado(a) em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Eduardo Esmeraldo
Faculdade Ari de Sá

Prof. Dr. Áurea Júlia de Abreu Costa
Faculdade Ari de Sá

Prof. Dr. Elivia Camurça Cidade
Faculdade Ari de Sá

SEXUALIDADE INTERDITA: O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES COM TEA

Kendo Saraiva Albano
Carlos Eduardo Esmeraldo

RESUMO

O trabalho possui como objetivo geral compreender o desenvolvimento sexual do adolescente autista e como se dão as práticas de cuidado nesse aspecto e por objetivos específicos: dificuldades do adolescente autista em relação à sexualidade; práticas de cuidadores e/ou familiares que afetam o desenvolvimento sexual do adolescente; diferentes técnicas de intervenção adequadas para auxiliar a educação sexual do adolescente autista. Esta revisão sistemática de literatura utilizou a metodologia PRISMA 2020 para organizar a coleta de dados com seleção de 22 artigos que fossem relatos de experiência e pesquisas de campo. Como resultados foi encontrado que limitação na comunicação verbal, a falta de compreensão de conceitos complexos contribui para que adolescentes tenham frustrações e desenvolvam comportamentos inadequados. Quanto às práticas de cuidadores, estes comumente apresentam desconforto e sentem falta de profissionais qualificados. Quanto a técnicas, existe pouca produção acadêmica relacionada ao desenvolvimento, mas o desenvolvimento de comunicação com cuidadores e adaptação se demonstram.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sexual. Adolescentes Autistas. Educação Sexual. TEA. Autismo.

ABSTRACT

The article aims to understand the overall sexual development of autistic adolescents and the practices of care in this aspect. The specific objectives include exploring the difficulties that autistic adolescents face regarding sexuality, examining the practices of caregivers and/or family members that impact the sexual development of adolescents, and identifying different intervention techniques suitable for assisting in the sexual education of autistic adolescents. This systematic literature review utilized the PRISMA 2020 methodology to organize data collection, selecting 22 articles that

included experience reports and field research. The results revealed that limitations in verbal communication and a lack of understanding of complex concepts contribute to frustrations and the development of inappropriate behaviors in adolescents.

Regarding caregiver practices, discomfort and a lack of qualified professionals are commonly observed. As for techniques, there is limited academic production related to development, but communication development with caregivers and adaptation are demonstrated to be effective.

Keywords: Sexual Development. Autistic Adolescents. Sex Education. ASD. Autism.

1 INTRODUÇÃO

Ao trabalhar como acompanhante terapêutico (AT) de pacientes com TEA, pude perceber que pais e cuidadores enfrentam dificuldades ao lidar com suas crianças que estão iniciando o processo de puberdade e adolescência. Por diversas vezes, observei uma tendência a negação das recentes necessidades do filho. Ao abordar o tema com os pais, uma questão que surgia era a dificuldade de comunicação sobre essa fase, devido à questões do próprio transtorno, devido ao fato de paciente possuir comunicação limitada e dificuldade de abordar o tema sexualidade com a criança por conta do desconhecimento de técnicas e como manejar comportamentos inadequados que surgiam.

A adolescência, como explica Segeren e Françoso (2014), é uma fase delicada na vida de todos, devido às modificações de estatura, mudanças hormonais, desenvolvimento de caracteres sexuais e modificações psicológicas, quanto a sua expressividade e adaptação social. Esse período de modificações, como afirmam Papalia e Feuldman (2013, p.387), propicia que o adolescente se desenvolva em diversas áreas, para além do desenvolvimento físico, mas também quanto ao seu cognitivo e social, a autonomia, a autoestima e a intimidade. Os jovens que contam com relacionamentos de apoio com seus pais, a escola e comunidade geralmente experimentam um desenvolvimento positivo e saudável (Papalia; Feuldman, 2013). Partindo da perspectiva de Piaget, Ricardo e Rossetti (2012) rimam ao afirmar que o estabelecimento de laços afetivos com terceiros são elementos essenciais para o desenvolvimento saudável de qualquer indivíduo. A interação com o outro permite o desenvolvimento social e desenvolvimento de habilidades ligadas à empatia e autoconfiança.

Indivíduos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) possuem um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado pelos déficits em sua capacidade de socializar adequadamente com pares, tanto no sentido de ter necessidade de socializar com terceiros ou de conseguir transmitir sua subjetividade e necessidades adequadamente de acordo com DSM-V (APA, 2014). Estes também possuem comportamentos ritualísticos restritos, que os impedem de explorar adequadamente suas experiências sexuais particulares (Turner; Briken; Schöttle, 2017).

Adolescentes com TEA, por diversas vezes, necessitam de um terceiro, acompanhante terapêutico (AT) ou familiar, que os acompanhe em suas atividades e compreenda suas necessidades, adaptando-as de forma que o paciente estabeleça contato com o ambiente (Segeren e Françoso, 2014). Os sintomas citados afetam negativamente o desenvolvimento sexual satisfatório de adolescentes autistas, pois estes sujeitos estão limitados às características do transtorno e também a mediação que cuidador designado fará das experiências que adolescente está experienciando, como observa Turner; Briken e Schöttle (2017) e Brilhante (2021). Contudo, ao se observar a literatura, é perceptível que responsáveis por adolescentes e crianças atípicas tendem a isolar seus filhos no ambiente doméstico, por medo de preconceito e a agressividade aumentada do filho adolescente com autismo que entrou na adolescência (Segeren; Françoso; *et al.*, 2014).

Por estes adolescentes possuírem poucas interações com outros da mesma idade, devido ao aumento da demanda cognitiva ou social de seus colegas neurotípicos, o adolescente não terá recursos para se desenvolver (Ricardo; Rossetti; 2012). Dessa forma, estes podem ter poucas experiências íntimas e sexuais, e podem relatar frustração e preocupações relacionadas à sexualidade, aumentando o risco de desenvolver ou se tornar vítima de comportamentos sexuais inadequados como afirma Briken e Schöttle (2017).

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento definido pelo DSM-V (APA, 2014) como um transtorno no qual o indivíduo apresenta déficits persistentes na comunicação e interação com pares, comportamentos repetitivos e interesses restritos por atividades de interesse. O TEA é dividido, no DSM-V, em três especificadores de gravidade que determinam a quantidade de auxílio que o indivíduo necessita para executar tarefas. Essas especificidades são definidas pelo DSM-V (APA, 2014, p.52) no Nível 1 “Exigindo apoio”: são indivíduos que necessitam de apoio leve e que possuem dificuldades moderadas para compreender e realizar interação com outros, possuindo comportamentos atípicos interacionais. Nível 2 “Exigindo apoio substancial”: O sujeito possui dificuldades graves na comunicação verbal ou gestual, estas são substanciais mesmo com auxílio e baixa necessidade interacional e com interesses restritos. Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”: O sujeito possui comunicação gravemente afetada, mesmo com auxílio

substancial. O indivíduo somente realiza interações para satisfazer necessidades diretas e só responde a interações extremamente diretivas e invasivas.

Dessa forma, esta pesquisa busca explicar como ocorre o desenvolvimento sexual de adolescentes com diagnóstico de TEA e prover informações que auxiliem pais e psicólogos compilando os dados científicos quanto o tema. Para atingir esse resultado, foi estabelecido como objetivo geral desta pesquisa: Compreender o desenvolvimento sexual do adolescente autista e como se dão as práticas de cuidado nesse aspecto. Para poder atingir esse critério os objetivos específicos foram: identificar dificuldades do adolescente autista em relação à sexualidade; identificar as práticas de cuidadores e/ou familiares que afetam o desenvolvimento sexual do adolescente; identificar diferentes técnicas de intervenção adequadas para auxiliar o adolescente autista. Com a compilação destas informações, esta revisão irá caracterizar o desenvolvimento sexual do adolescente autista, auxiliar a comunidade científica, pois poderá auxiliar psicólogos, educadores e familiares que lidam com as mudanças inerentes dessa fase do desenvolvimento, além de contribuir para futuras pesquisas e planejamento de intervenções direcionadas a esse grupo específico.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática de literatura que utilizou o modelo PRISMA (Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises) 2020. Conforme definido por Page *et al.* (2022), esta serve para tornar o método e o passo a passo de revisão sistemática mais transparente e criterioso. O estudo investigou como a produção científica tem debatido sobre o desenvolvimento sexual de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como suas considerações sobre o tema.

Conforme Galvão e Pereira (2014), a revisão sistemática configura um estudo focado que busca, seleciona e analisa evidências sobre um assunto. Visto que esse tipo de pesquisa se propõe a compilar dados de outros estudos para responder a uma pergunta de maneira sistemática, a sua metodologia é bem definida e clara, de modo que seja reproduzível e não tendenciosa. Ademais, por utilizar informações coletadas por outros autores e artigos como fonte de dados, esse tipo de revisão é considerada um estudo secundário.

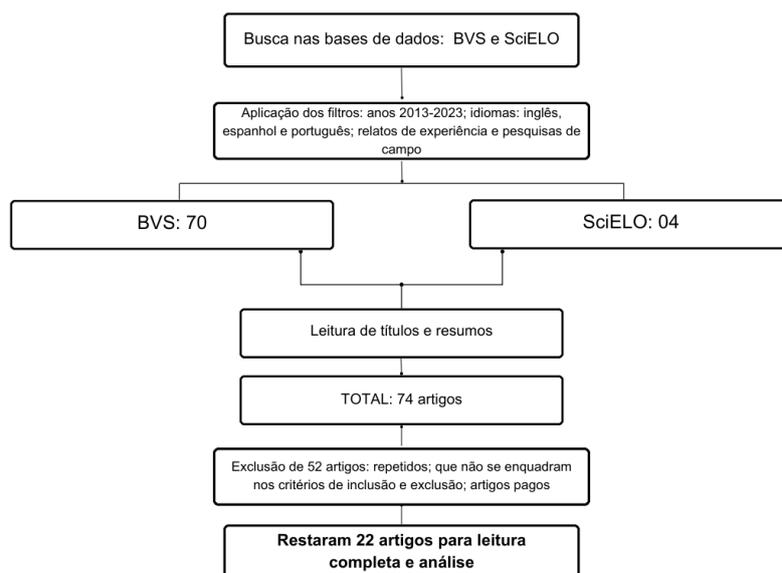
A metodologia desse tipo de revisão segue os seguintes passos (Galvão e Pereira, 2014, p. 183): “elaboração da pergunta de pesquisa; busca na literatura; seleção dos artigos; extração dos dados; avaliação da qualidade metodológica; síntese dos dados; avaliação da qualidade das evidências; redação e publicação dos resultados”.

Para realizar esta pesquisa, foram pesquisados artigos nos motores de busca científica, BVS (Biblioteca Virtual de Saúde) e SCIELO (Scientific Eletronic Library Online). Os descritores para filtrar o resultado foram (AUTISM) AND (SEXUALITY) AND (ADOLESCENT) em inglês e (AUTISMO) AND (SEXUALIDADE) AND (ADOLESCENTE) em português. Como critérios de inclusão foram utilizados filtros do motor de busca que contivessem artigos publicados: nos últimos 10 anos, nos idiomas inglês, espanhol e português, que o texto estivesse integralmente disponível para leitura, que contivessem relatos de experiência e pesquisas de campo. Como critérios de exclusão foram filtradas pesquisas teóricas. Estes critérios foram elencados devido baixa produção acadêmica quanto a temática.

A pesquisa preliminar resultou em 70 artigos no BVS e 4 no SCIELO, totalizando 74 artigos para leitura preliminar. Após a leitura foram removidos artigos duplicados, que fugissem do tema do estudo ou que fossem pesquisas teóricas, totalizando 38 artigos para serem analisados. Durante a obtenção de artigos para análise, alguns se encontravam disponíveis em repositórios de pesquisa privada, liberados somente após pagamento para serem lidos. Os artigos pagos foram removidos, sendo realizada uma pesquisa pelos que os autores liberaram gratuitamente, resultando neste estudo que foi realizado com 22 artigos para revisão.

O Quadro 1. abaixo apresenta o processo de seleção de artigos para análise nessa revisão sistemática, descrevendo os achados e seus filtro:

QUADRO 1: PROCESSO DE SELEÇÃO DE ARTIGOS PARA REVISÃO SISTEMÁTICA



Fonte: Elaborado pelo autor

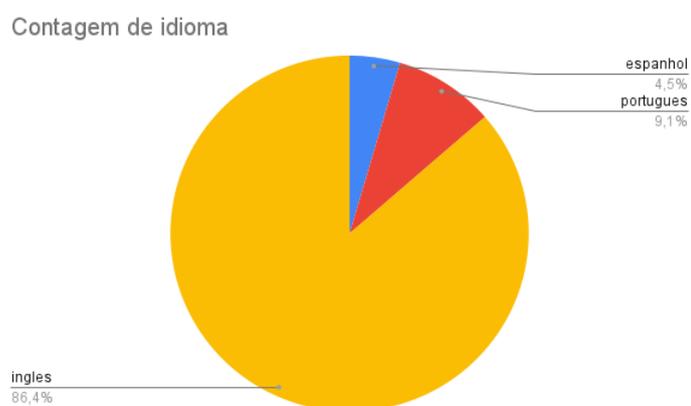
Essa revisão rigorosa da literatura existente permitiu uma análise precisa e atualizada sobre o desenvolvimento sexual de adolescentes com TEA, sustentado nas evidências da literatura científica. Os artigos selecionados foram analisados e suas principais conclusões e considerações foram sistematizadas neste projeto para facilitar a leitura e seleção através do preenchimento do checklist PRISMA 2020. PRISMA 2020 é uma ferramenta de checagem para impedir vieses interpretativos nas pesquisas e garantir a sistematização da revisão (Page; *et al.*, 2022). O PRISMA 2020

é realizado por meio do preenchimento de um checklist contendo 27 itens com critérios na escrita do artigo. O checklist é acompanhado de um fluxograma que ilustra o processo de seleção de artigos para a revisão. Page *et al.* (2022) afirma que PRISMA 2020 visa melhorar a qualidade e a transparência das revisões sistemáticas e meta-análises, e facilitar a avaliação crítica e a síntese dos seus resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

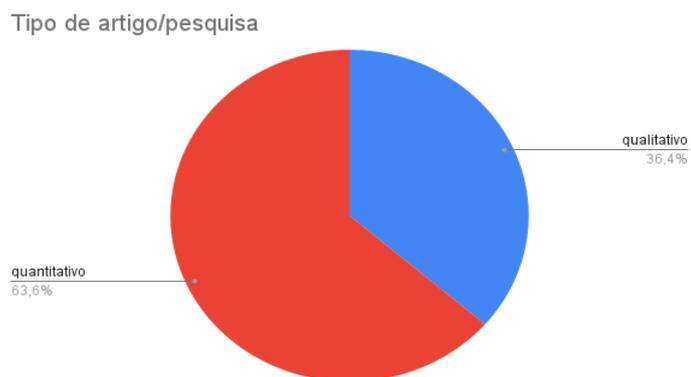
A presente pesquisa empreendeu uma revisão bibliográfica sistemática, do total de artigos analisados, 14 eram artigos quantitativos e 8 qualitativos, 19 estavam redigidos em língua inglesa, 2 em língua portuguesa e 1 em espanhol. Os estudos examinados abrangiam diversas áreas do conhecimento, destacando-se uma predominância na Psiquiatria, com 10 artigos, seguida por 7 na área da Psicologia.

FIGURA 1: GRÁFICO DA PROPORÇÃO DE IDIOMA DOS ARTIGOS.



Fonte: Elaborado pelo autor.

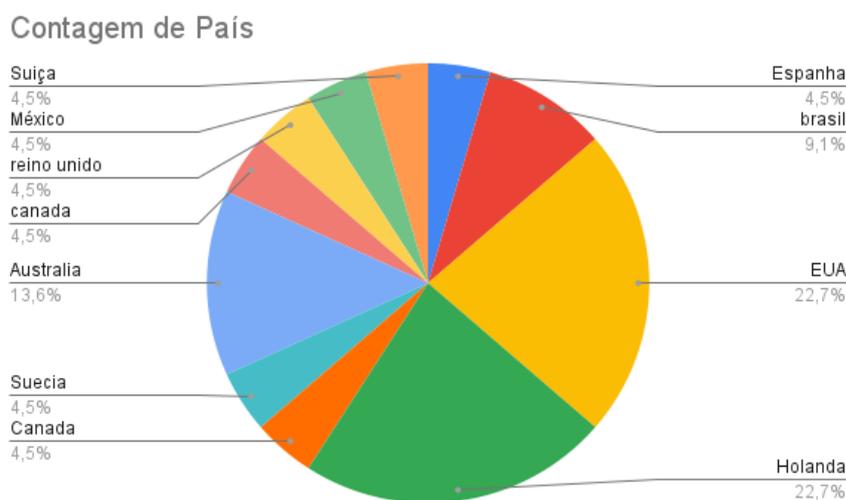
FIGURA 2: GRÁFICO COM TIPO DE ARTIGO ANALISADO.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos artigos analisados, 63,6% consistiram em pesquisa quantitativas e 36,4% resultaram de estudos qualitativos. Os demais artigos distribuíam-se entre as áreas de Saúde Coletiva, Pediatria e Enfermagem. A análise temporal revelou que, ao longo da última década, a produção científica manteve uma média de 4 artigos por ano, apresentando um sutil declínio, este possuindo parada de produção científica após o ano de 2017 e retornado após o ano de 2020, com 3 artigo ano.

FIGURA 3: GRÁFICO DE PAÍSES DOS ARTIGOS ANALISADOS.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os Estados Unidos lideraram a pesquisa acadêmica, contribuindo com seis artigos, seguidos pela Holanda, com cinco. No Brasil, apenas dois artigos foram identificados, datados de 2017 e 2021, indicando um intervalo de 4 anos sem novas contribuições científicas sobre o tema.

A escassez de estudos identificados pode ser atribuída ao desconforto pessoal associado à temática. Apesar de os estudos acadêmicos serem conduzidos com padrões que visam evitar viés pessoal, a seleção dos temas de pesquisa é realizada por indivíduos atravessados por tabus sociais, o levante do conservadorismo no Brasil e descredibilização do saber científico. Isso pode ser inferido pela repetição de autores na produção de estudos e a existência de tabus como fatores determinantes para o ensino da sexualidade (De Tílio, 2017).

O Quadro 2. apresenta os artigos selecionados para análise nessa revisão sistemática, descrevendo idioma, área, ano, tipo de pesquisa e país onde foi realizada.

QUADRO 2: ARTIGOS ANALISADOS PELO ESTUDO.

Comentado [CE1]: É QUADRO E NÃO TABELA

Nº	Artigo	Idioma	Área	Ano	Tipo de artigo	Objetivo	Sujeitos da pesquisa
1	(GERALDA ANDRE, T. et al.) Percepción de los padres acerca de la comunicación sobre sexualidad de sus hijos con trastorno del espectro autista	Espanhol	Enfermagem	2022	Qualitativo	Explorar as percepções dos pais em relação à comunicação sobre sexualidade com seus filhos que estão dentro do espectro autista.	Pais
2	(BRILHANTE, A. V. M. et al.) "Eu não sou um anjo azul": a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas	Português	Saúde coletiva	2021	Qualitativo	Analisar as demandas de pessoas autistas sobre sua sexualidade, alinhando-se ao paradigma da neurodiversidade.	Sujeitos com TEA
3	(DE TILIO, R.) Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador.	Português	Psicologia	2017	Qualitativo	Investigar como um cuidador significa um indivíduo com TEA, especificamente sua vivência da sexualidade.	Cuidadores
4	(HOLMES, L. G.; HIMLE, M. B.) Brief report: parent-child sexuality communication and autism spectrum disorders.	Inglês	Psicologia	2014	Quantitativo	Compreender melhor os tipos de tópicos relacionados à sexualidade que os pais abordam com jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Pais
5	(DEWINTER, J. et al.) Sexuality in adolescent boys with autism spectrum disorder: self-reported behaviours and attitudes.	Inglês	Psiquiatria	2015	Quantitativo	"Obter uma compreensão da prevalência de comportamentos sexuais e experiências de meninos adolescentes clinicamente diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ao concentrar-se em um grupo homogêneo em termos de habilidade intelectual, origem cultural, idade e diagnóstico."	Sujeitos com TEA
6	(VISSER, K. et al.) Study protocol: a randomized controlled trial investigating the effects of a psychosexual training program for adolescents with autism spectrum disorder.	Inglês	Psiquiatria	2015	Quantitativo	"O estudo descreve o desenho da pesquisa, os participantes, o conteúdo e protocolo do programa TTT (To the Top), bem como os procedimentos de pesquisa."	Pais e Sujeitos com TEA
7	(BARNETT, J. P.; MATICKA-TYNDALE, E.) Qualitative Exploration of Sexual Experiences Among Adults on the Autism Spectrum: Implications for Sex Education.	Inglês	Psiquiatria	2015	Qualitativo	"Desenvolver uma compreensão de como os indivíduos autistas descrevem sua própria sexualidade e experiências sexuais, e examinar as implicações dessas descrições para a	Sujeitos com TEA

						prestação da educação sexual."	
8	(DEWINTER, J. et al.) Parental Awareness of Sexual Experience in Adolescent Boys With Autism Spectrum Disorder.	Inglês	Psiquiatria	2016	Quantitativo	"Este estudo comparou os relatos dos pais e dos adolescentes sobre o comportamento sexual ao longo da vida, tanto individual quanto em parceria, em uma amostra de meninos adolescentes com TEA."	Pais e Sujeitos com TEA
9	(HOLMES, L. G.; HIMLE, M. B.; STRASSBERG, D. S.) Parental romantic expectations and parent-child sexuality communication in autism spectrum disorders.	Inglês	Psicologia	2015	Quantitativo	Examinou se as Expectativas Românticas Parentais estavam relacionadas à comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos.	Pais e Sujeitos com TEA
10	(DEWINTER, J. et al.) Adolescent boys with autism spectrum disorder growing up: follow-up of self-reported sexual experience.	Inglês	Psiquiatria	2016	Quantitativo	"Comparar a experiência sexual ao longo da vida autorrelatada neste grupo de meninos com TEA de alto funcionamento com um grupo de controle correspondente, 2 anos após a avaliação inicial."	Sujeitos com TEA
11	(FERNANDES, L. C. et al.) Aspects of Sexuality in Adolescents and Adults Diagnosed with Autism Spectrum Disorders in Childhood.	Inglês	Psiquiatria	2016	Quantitativo	"Examinar a prevalência de interesse sexual e orientação sexual, atividade sexual, problemas relacionados à sexualidade, comportamentos sexuais inapropriados e parafilias no Transtorno do Espectro Autista (TEA)."	Sujeitos com TEA
12	(LEHAN MACKIN, M. et al.) Parent Perceptions of Sexual Education Needs for Their Children With Autism.	Inglês	Enfermagem/ Pediatria	2016	Qualitativo	"Descrever as percepções dos pais sobre as necessidades de conteúdo de educação sexual de seus filhos com idades entre 14 e 20 anos, diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA); e determinar os mecanismos de entrega preferidos pelos pais para estratégias de intervenção educacional personalizadas."	Pais
13	(MAY, T.; PANG, K. C.; WILLIAMS, K.) Brief Report: Sexual Attraction and Relationships in Adolescents with Autism.	Inglês	Psiquiatria/ Pediatria	2017	Quantitativo	"Explorar a atração sexual autorrelatada e o comportamento em relacionamentos sexuais em adolescentes do sexo masculino e feminino com	Sujeitos com TEA

						Transtorno do Espectro Autista (TEA) em comparação com adolescentes sem TEA."	
14	(VISSER, K. et al.) A randomized controlled trial to examine the effects of the Tackling Teenage psychosexual training program for adolescents with autism spectrum disorder	Inglês	Psicologia/ Psiquiatria	2017	Quantitativo	Investigar se o programa TTT (1) aumenta o conhecimento psicosexual; (2) aumenta as habilidades necessárias para amizades e relações íntimas; (3) aumenta a compreensão de comportamentos sexuais aceitáveis e inapropriados; (4) reduz comportamentos sexuais inapropriados e vulnerabilidades; (5) aumenta a autoestima; e (6) reduz as preocupações atuais e as preocupações futuras de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus pais.	Pais e Sujeitos com TEA
15	(GEORGE, R.; STOKES, M. A.) Gender identity and sexual orientation in autism spectrum disorder.	Inglês	Psicologia	2017	Quantitativo	"Explorar a associação entre traços autistas e traços de disforia de gênero (GD) em uma amostra de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e comparar isso com indivíduos com desenvolvimento típico (TD)."	Sujeitos com TEA
16	(PUGLIESE, C. E. et al.) Feasibility and preliminary efficacy of a parent-mediated sexual education curriculum for youth with autism spectrum disorders.	Inglês	Serviços humanos	2020	Quantitativo	"Avaliar o programa 'Supporting Teens with Autism on Relationships (STAR)', um programa de educação sexual mediado pelos pais para jovens com TEA que não têm deficiência intelectual (DI)."	Pais e Sujeitos com TEA
17	(PECORA, L. A. et al.) Gender identity, sexual orientation and adverse sexual experiences in autistic females.	Inglês	Psicologia	2020	Quantitativo	"Investigar a representação da diversidade de gênero e sexual nas mulheres autistas e examinar as taxas de encontros sexuais indesejados e arrependidos entre mulheres com identidade de gênero transgênero e orientação sexual não heterossexual."	Mulheres com TEA

18	(DROZDOWICZ, L. et al.) Sexual Health in Child and Adolescent Psychiatry: Multi-Site Implementation Through Synchronized Videoconferencing of an Educational Resource Using Standardized Patients.	Inglês	Psiquiatria	2020	Qualitativo	"Avaliar um recurso educacional especializado sobre saúde sexual e seu impacto no conhecimento, habilidades e atitudes dos alunos; (2) o uso de representações em vídeo de interações clínicas para complementar o conteúdo do módulo; e (3) a distribuição do conteúdo educacional por meio de uma iniciativa multi-localidades usando videoconferência sincronizada."	Sujeitos com TEA
19	(JOYAL, C. C.) et al. Sexual Knowledge, Desires, and Experience of Adolescents and Young Adults With an Autism Spectrum Disorder: An Exploratory Study	Inglês	Psiquiatria	2021	Qualitativo	"Este estudo explora as forças e desafios relacionados à saúde sexual de adolescentes/jovens adultos com TEA, e discute as implicações para a prática clínica e educacional."	Sujeitos com TEA
20	(WEIR, E.; ALLISON, C.; BARON-COHEN, S.) The sexual health, orientation, and activity of autistic adolescents and adults.	Inglês	Psicologia	2021	Quantitativo	"Abordar essas lacunas e estabelecer uma comparação de experiências relacionadas à sexualidade e atividade sexual entre indivíduos autistas e não autistas, desde a adolescência até a terceira idade."	Sujeitos com TEA
21	(GERALDA ANDRÉ, T. et al.) Comunicación sexual en padres de hijos con trastorno del espectro autista.	Inglês	Psicologia	2022	Quantitativo	"Comparar a comunicação sexual dos pais de acordo com os níveis de Transtorno do Espectro Autista (TEA) de seus filhos(as)."	Pais
22	(TORRALBAS-ORTEGA, J. et al.) Affectivity and Sexuality in Adolescents with Autism Spectrum Disorder from the Perspective of Education and Healthcare Professionals: A Qualitative Study	Inglês	Saúde pública	2023	Qualitativo	"Explorar as experiências de profissionais da educação e da área de saúde em relação à educação sexual e afetiva de jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA)."	Cuidadores

Fonte: Elaborado pelo Autor

As análises dos artigos foram organizadas de acordo com o PRISMA 2020 em três seções: dificuldades do adolescente autista em relação à sexualidade, práticas de cuidadores e/ou familiares que afetam o desenvolvimento sexual do adolescente e diferentes técnicas de intervenção adequadas para auxiliar o adolescente autista.

3.1 DIFICULDADES DO ADOLESCENTE AUTISTA EM RELAÇÃO À SEXUALIDADE:

Os artigos analisados, de modo geral, demonstraram a dificuldade que adolescentes com TEA possuem em relação a sua sexualidade. Estes estudos tiveram como constante três temáticas expressivas, relacionadas com: orientação/expressão sexual, comportamentos mal adaptativos e descredibilização da sexualidade de adolescentes pertencentes ao Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Os estudos de Dewinter *et al.* (2014, 2016(a), 2016(b)) afirmam altas taxas de comportamentos sexuais solitários, em meninos com TEA de alto funcionamento. A vitimização sexual e o comportamento sexual ofensivo foram raramente encontrados. Ambos os grupos, nos estudos de Dewinter *et al.* (2016), com e sem TEA, mostraram atitudes permissivas em relação à sexualidade, sem expectativas explícitas de papéis de gênero, e atitudes mais positivas e menos negativas em relação à sexualidade. O estudo não encontrou diferenças significativas nas experiências sexuais de adolescentes do sexo masculino com TEA de alto funcionamento em comparação com adolescentes típicos, indicando que ambos os grupos passam por desenvolvimentos sexuais semelhantes. Este resultado é indicativo que o desenvolvimento sexual é semelhante com pessoas neurotípicas. Tais resultados são consoantes com os participantes de Barnett; Maticka-Tyndale (2015), sendo que estes relataram que mesmo possuindo desenvolvimento semelhante, estes tiveram início sexual/romântico tardio em comparação com a população em geral devido à falta de educação sexual.

A demora no educar e a descredibilização da existência da experiência sexual de pessoas neurodivergentes, por intermédio de cuidadores e pais, contribuiu para que os adolescentes com TEA não consigam se relacionar com outras pessoas (Brilhante *et al.*, 2021). Este resultado dos autores diverge levemente dos resultados de Dewinter *et al.*, pois mapeiam que os efeitos dessa descredibilização resultam em comportamentos sexuais mal adaptativos observados por Torralbas-Ortega (2023) e Holmes; Himle (2014) tendo em vista que os adolescentes com TEA nos demais grupos do espectro tem dificuldade em compreender conceitos complexos relacionados à sexualidade, sendo estas: possessividade do parceiro, relações interpessoais, consentimento e práticas sexuais seguras, masturbação em público.

Além disso, devido à limitação da comunicação verbal para alguns adolescentes com TEA, há uma maior dificuldade na expressão das necessidades, desejos ou preocupações relacionadas à sexualidade. Torralbas-Ortega (2023) explica que crianças com TEA tendem a utilizar comunicações alternativas para demonstrar as suas necessidades, e a autoestimulação pode servir para denunciar as necessidades sexuais, pois o fato de possuírem falta de conhecimento de habilidades em situações romântico/sexuais causa frustração nas práticas do adolescente. (Torralbas-Ortega *et al.*, 2023).

Fernandes *et al.* (2016), ao investigar atração sexual de sujeitos com TEA através de entrevistas com cuidadores para sujeitos com Déficit Intelectual (DI) e sujeitos com Autismo de alto funcionamento. Os autores sugerem que a maioria das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem interesse sexual, independentemente do subtipo de TEA ou do nível de funcionamento adaptativo. No entanto, mesmo pessoas no espectro que não demonstraram interesse sexual direcionado a outras pessoas, possuíam comportamentos sexuais solitários, podendo ser compreendido como assexualidade. Com isso, Fernandes *et al.* (2016) especificamente pontuou que uma parcela de um terço das pessoas com TEA com Déficit Intelectual (DI) grave não demonstram interesse sexual direcionado a outros, ou seja, assexualidade. O dado de Fernandes *et al.* (2016) mesmo sendo referido a uma identidade divergente da heteronormatividade deve ser analisado com cuidado, devido ser referente a uma percepção dos cuidadores.

Weir *et al.* (2021) e Dewinter *et al.* (2016) discorrem também que os jovens com TEA, quando comparados com o grupo de controle sem o transtorno, podem ter menor probabilidade de se envolver em atividades sexuais, mas adicionam a discussão que estes possuem probabilidade maior de ter orientações sexuais diversas. A variável probabilidade de Adolescentes no espectro se identificarem com identidades de gênero e sexualidade divergentes da heteronormatividade foi constatada por diversos autores (Pecora *et al.*, 2020; Weir; Allison; Baron-Cohen, 2021, Fernandes *et al.*, 2016, Barnett; Maticka-Tyndale, 2015). Estes dados de divergência sexual tem implicações importantes para o namoro e relacionamentos em uma sociedade heterossexualmente organizada, uma vez que muitos participantes expressaram identidades de gênero não convencionais. Mesmo sendo uma comunidade diversa, os indivíduos pertencentes ao espectro, além de terem que lidar

com as dificuldades inerentes do transtorno, precisam lidar com uma sociedade com estereótipos e desqualificações em relação à sexualidade das pessoas com deficiência (PCD) (Brilhante et al., 2021). Esta informação é motivo de preocupação, uma vez que, conforme destacado por Pecora et al. (2020), ao identificarem-se como parte de uma minoria de gênero ou sexual, esses desafios são agravados pelo aumento dos riscos de questões complexas de saúde mental e problemas socioemocionais, comuns entre aqueles que se identificam como parte de uma minoria sexual.

Numa proporção da diversidade sexual, May, Pang e Willians (2017) constataram taxas mais elevadas de atração não heterossexual em adolescentes autistas do sexo feminino em comparação com o grupo masculino. Já Pecora et al. (2020) destacaram que mulheres autistas têm maior probabilidade de relatar experiências sexuais negativas em comparação com mulheres não autistas, com ênfase aquelas com orientações não heterossexuais. Os meninos com TEA também apresentaram menor experiência em comportamentos sexuais, como beijar e carícias, quando comparados ao grupo de controle de meninos sem TEA. (Dewinter et al., 2016). Ambos os estudos de Dewinter et al. (2016), Dewinter et al. (2014) e Pecora et al. (2020) destacam comportamentos de arrependimento de experiências sexuais. Nos meninos se demonstrando como falta de habilidades interacionais e frustração. Pecora et al. (2020) afirmam que mulheres homossexuais no espectro possuem taxas elevadas de serem acometidas de avanços sexuais indesejados e interação íntima indesejada e relação sexual indesejada.

3.2 PRÁTICAS DE CUIDADORES E/OU FAMILIARES QUE AFETAM O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DO ADOLESCENTE

A revisão dos artigos demonstrou que normalmente familiares possuem desconforto pessoal e por conta disso entram em negação em relação ao desenvolvimento sexual dos adolescentes com TEA.

O fator desconforto pessoal é consoante com diversos estudos, se tornando o principal impeditivo da educação sexual de Jovens com TEA. O desconforto aparece como fator recorrente, no qual para Holmes e Himle (2014) destacam que os pais

possuem evasão na discussão sobre temas delicados e também que a gravidade de características do TEA, como Déficits Sociais e Déficit Intelectual (DI), desempenham um papel importante na exclusão de tópicos que os pais cobrem na discussão com seus filhos. Holmes e Himle (2014) afirmam que os responsáveis possuem preferência em cobrir alguns tópicos relacionados à sexualidade, como higiene e masturbação, mas deixam outros tópicos que envolvem questões mais complexas da sexualidade para fontes menos confiáveis como internet. O adolescente sem DI busca resposta em sites e fóruns, estas fontes possuem informações incompletas, pois para poderem ensinar efetivamente, o adolescente precisaria compreender os processos internos que está passando, sendo necessário ser auxiliado por alguém durante a sua busca, como destaca Torralbas-Ortega et al. (2023). Devido à existência do desconforto, Brilhante (2021) pontua que se destaca a resistência de reconhecerem autistas como seres sexuais devido a falsas crenças e estereótipos que infantilizam e patologizam o autismo. O comportamento de negação, através da metáfora observada pelo autor, de que pessoas com TEA são “Eternas crianças”, é criticada por indivíduos no espectro, pois a infantilização do autismo contribui para a invisibilidade das experiências sexuais no espectro.

No estudo executado por De Tílio (2017), os pais de adolescentes neurodivergentes possuem medo gerado da sexualidade que está se desenvolvendo no adolescente. Esta negação é direcionada ao jovem mediante comportamentos de censura e limitação da autoexploração do corpo do adolescente. Como pontua Torralbas-Ortega et al. (2023), estes pensam não haver necessidade de ensinar o filho adolescente sobre a sexualidade que está se manifestando. Tal comportamento de negação é um fator que faz com que a família tenha resistência em adotar as técnicas implementadas para o ensino da sexualidade a adolescentes neurodivergentes em grupos disponibilizados nos centros de assistência médica.

Nos estudos de Lehan et al. (2016) com os pais de Adolescentes com TEA geralmente expressam incertezas quanto à capacidade de seus filhos estabelecerem relacionamentos românticos e sexuais. Eles se veem como a principal fonte de ensino de sexualidade para seus filhos, devido à necessidade de adaptação das informações às habilidades sociais e de comunicação de seus filhos com TEA. Além disso, Lehan (2016), pontua que os pais também expressam preocupações sobre questões de segurança e comportamentos sexuais inadequados de seus filhos. De Tílio (2017)

corroborar essa afirmação, enquanto aponta a negligência na educação sexual, condenação moral e repreensão das práticas masturbatórias, infantilização da sexualidade e medo de lesões durante a masturbação. Esse tipo de prática pode impedir que o jovem explore e compreenda adequadamente sua sexualidade de acordo com seu desenvolvimento e idade cronológica.

Quando investigados por Holmes e Himle (2014), os pais demonstraram conhecer temas para a discussão do desenvolvimento sexual de seus filhos, incluindo anatomia, gravidez, pornografia e aspectos emocionais e sociais da sexualidade. Porém, Lehan (2016) pontua que os pais apresentam relutância ao conversar sobre sexualidade devido a tabus, falta de preparo ou desconforto pessoal. Os cuidadores denominam a falta de recursos profissionais adequados, por estes possuírem falta de formação para lidar com adolescentes autistas e métodos de entrega inadequados, com modelos educacionais que não consideram aspectos pessoais dos adolescentes, como barreiras comuns para a educação dos filhos.

Mesmo em contextos nos quais os adolescentes frequentam instituições onde existe educação sexual adaptada com grupos, as famílias apresentam baixa frequência e alta solicitação de tratamento e/ou atendimento particular, tornando o processo educacional lento e inefetivo (Torrallas-Ortega et al., 2023). Torrallas-Ortega et al. (2023), também pontuam que os educadores são buscados mais comumente pelos responsáveis/profissionais quando os comportamentos masturbatórios estão ocorrendo, e o objetivo é o de eliminar o comportamento de autoestimulação no ambiente escolar.

A fuga na discussão com os filhos sobre sexualidade foi expressa no estudo de Dewinter et al. (2015) no qual pontuam que responsáveis subestimam a extensão das experiências sexuais de seus filhos, particularmente em relação a comportamentos sexuais solitários. Os pais tinham maior conhecimento em relação a relacionamentos românticos e experiências com parceiros de seus filhos, mas não relacionados a sexualidade. A falta de informações sobre a experiência sexual dos filhos pode refletir em discussões limitadas sobre sexualidade entre pais e adolescentes com TEA. (Dewinter et al., 2015)

3.3 DIFERENTES TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO ADEQUADAS PARA AUXILIAR A EDUCAÇÃO SEXUAL DO ADOLESCENTE AUTISTA:

Dos estudos analisados nessa revisão que abordavam técnicas de ensino da sexualidade enfatizaram, em sua maioria, a elaboração de práticas direcionadas a adolescentes com nível de suporte 1 e 2 e poucos jovens com Déficit Intelectual como comorbidade.

As técnicas observadas nesta revisão sistemática da literatura são expostas no quadro 2. abaixo, destacando seus respectivos efeitos:

QUADRO 2: TÉCNICAS IDENTIFICADAS NA REVISÃO

TÉCNICAS ADAPTATIVAS	COMUNICAÇÃO COM OS PAIS	JOGO	VIDEOMODELAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> Planejamento de atividades sexuais Comunicação explícita da necessidade Comportamentos mal adaptativos 	<ul style="list-style-type: none"> Contribuir para a prevenção da vitimização sexual Promoção de relacionamentos saudáveis Necessidade de treinos parentais focando desenvolver a comunicação 	<ul style="list-style-type: none"> Evita a discussão direta sobre temas Pais escolhem o conteúdo de acordo com seus valores e crenças Ganhos na autoeficácia dos responsáveis Treino de habilidades para lidar com situações sociais 	<ul style="list-style-type: none"> Distribuição de conteúdo educacional múltiplos locais Simulações com pacientes padronizados Focou na capacitação clínica para abordar questões de sexualidade Em grupos

Fonte: Elaborado pelo autor

Adolescentes com TEA de alto funcionamento que cresceram num contexto de falta de educação sexual adaptada para sua condição desenvolveram técnicas adaptativas para com o parceiro, como acomodação, planejamento de atividades sexuais, e comunicação direta e explícita da necessidade. (Barnett e Maticka-Tyndale, 2015). No entanto, com o desenvolvimento de técnicas próprias para interação, jovens no espectro formaram comportamentos mal adaptativos concomitantes, como maior possessividade, ciúme, baixa noção de limites pessoais para com o parceiro, desconhecimento das sensações internas e como explicar elas e masturbação em público (Torrallas-Ortega et al., 2023).

Drozdownicz et al. (2020) pontuam que a elaboração de técnicas adaptativas deve dar importância em oferecer recursos educacionais facilmente acessíveis e atualizados para profissionais de saúde, especialmente para aqueles que trabalham com pacientes de diferentes idades, habilidades linguísticas e necessidades de

desenvolvimento. Estas técnicas precisam também ser adaptadas para as necessidades específicas do adolescente. A inadequação da educação sexual padrão é enfatizada por Barnett (2015), pois não aborda as experiências sexuais relevantes para pessoas no espectro do autismo. A importância de compreender as experiências sexuais e românticas dessas pessoas permite a elaboração de uma educação sexual mais inclusiva e sensível às suas necessidades.

Em estudos realizados por Holmes e Himle (2015), foi apontado que uma técnica efetiva para a compreensão dos jovens com TEA em diferentes níveis de suporte se dá através da comunicação com os pais sobre o desenvolvimento da sexualidade dos filhos e previsão das mudanças biológicas que ocorrem na adolescência. Holmes e Himle (2015) enfatizam a importância da comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos, independentemente das expectativas dos tutores em relação a relacionamentos românticos. A pesquisa sugere que essa comunicação é benéfica para todos os indivíduos pertencentes ao espectro, incluindo aqueles com Deficiência Intelectual (DI), e pode contribuir para a prevenção da vitimização sexual e a promoção de relacionamentos saudáveis. No entanto, a comunicação com os adolescentes sobre esses tópicos sensíveis gera constrangimento nos responsáveis. Dessa forma, os pais se voltam para as instituições buscando que estas desenvolvam técnicas ou treinamentos parentais, focando desenvolver a comunicação efetiva com os filhos (Mackin et al., 2016).

Como técnica de desenvolvimento de noção sexual para adolescentes no espectro, Pugliese et al. (2019) desenvolveram um programa de educação sexual mediado pelos pais, o qual teve sucesso em aumentar o conhecimento e as habilidades dos pais e jovens com TEA, evitando a discussão direta sobre temas. Pugliese et al. (2019) sugerem que tanto um grupo com facilitador como um grupo autoguiado foram igualmente eficazes, com a vantagem de permitir que os pais escolham o conteúdo mais relevante para seus filhos e o apresentem de acordo com seus valores e crenças. Além disso, o programa mostrou ganhos na autoeficácia dos responsáveis para discutir sexualidade com seus filhos e nas habilidades dos jovens para lidar com situações sociais relacionadas à sexualidade e relacionamentos com terceiros. O jogo desenvolvido por Pugliese et al. (2019) simulava situações nas quais o jogador tinha uma interação-problema com temáticas relacionadas a sexualidade

nas quais este era submetido a um sistema de múltipla escolha na qual a ação gerava uma consequência relacionada com a atitude escolhida.

Drozdowicz et al. (2020) utilizaram o uso de vídeos, interações clínicas como complemento e a distribuição de conteúdo educacional por videoconferência em múltiplos locais, destacando a importância de educar os pacientes sobre saúde sexual, com foco específico na saúde sexual de jovens no espectro do autismo. Além disso, o estudo explorou a inclusão de simulações com pacientes padronizados (SPs) para melhorar a prática clínica em psiquiatria infantil e adolescente. A videoconferência síncrona possibilitou a promoção do treinamento em várias instituições para melhorar as habilidades e compreensão das práticas relacionadas a sexualidade e para distribuir conteúdo educacional em várias instituições de forma simultânea. (Drozdowicz et al., 2020) O estudo de Drozdowicz et al. (2020) teve resultados que demonstraram a eficácia desses três componentes. Os autores destacaram que uma sessão educativa de 90 minutos levou a melhorias nos conhecimentos, habilidades e atitudes em relação à compreensão da sexualidade após 2 semanas.

O estudo de Drozdowicz et al. (2020) se concentrou em capacitar psiquiatras infantis e adolescentes para abordar questões de sexualidade em sua prática clínica, destacando a importância de educar os pacientes sobre saúde sexual, com foco específico na saúde sexual de jovens no espectro do autismo.

3.4 DISCUSSÃO

O desenvolvimento sexual de adolescentes autistas revela desafios significativos relacionados à aceitação e ao ensino por parte dos responsáveis. É importante reconhecer que o desenvolvimento sexual é uma parte natural da vida e que indivíduos com TEA também têm necessidades e direitos sexuais que precisam ser compreendidos e apoiados de maneira apropriada. Para poder tratar das dificuldades com os jovens no espectro, as famílias precisam trabalhar suas próprias questões em relação ao tópico para oferecer ensino de sexualidade adequada e apoio para o desenvolvimento sexual de crianças com TEA. É importante superar essas barreiras por meio de programas educacionais, treinamento de profissionais e o

desenvolvimento de recursos específicos para atender às necessidades dessas crianças.

Mesmo quando intervenções são concebidas para abordar questões específicas relacionadas à educação sexual de adolescentes autistas, tanto de alta funcionalidade quanto de baixa, os pais emergem como elementos cruciais na educação de seus filhos. No entanto, a revisão bibliográfica aponta que questões pessoais, como tabus ou a crença de que os adolescentes autistas são eternamente crianças, os pais muitas vezes evitam assumir o protagonismo na educação sexual de seus filhos. Por vezes terceirizando esta para profissionais da educação e equipe de saúde, com preferência por técnicas que impeçam a autoexploração.

A resistência e tabus na discussão de sexualidade com os filhos é semelhante tanto em pais de crianças pertencentes ao espectro como em adolescentes típicos. Condizente com os achados de Nery *et al.* (2015) onde a maioria dos pais de adolescentes neurotípicos não abordam o tema sexualidade, muitos enfrentam dificuldades em determinar o que abordar sobre sexualidade, com a ênfase frequentemente voltada para a parte biológica, como questões de contracepção e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Porém, devido às características do transtorno, o adolescente não compreende seus processos internos e as limitações em buscar em fontes secundárias, como amigos ou internet, acentuam os sentimentos de frustração e comportamentos mal adaptativos.

Ao analisar essas demandas, mesmo assim constatou-se que os pais de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) buscam orientação sobre como lidar com a expressão sexual aparente de seus filhos. Entretanto, ao procurarem instituições de referência para obter orientações por meio de programas educacionais, deparam-se com currículos educacionais generalistas e à falta de qualificação dos profissionais para desenvolver intervenções adequadas.

O déficit de profissionais qualificados pode ser explicado devido a lacunas substanciais na pesquisa existente, sendo destacada a necessidade urgente de desenvolver intervenções mais eficazes nesse campo. Embora os estudos revisados destaquem a importância de adaptar currículos de educação sexual de maneira

personalizada para atender às necessidades específicas dos adolescentes autistas, nota-se uma escassez de pesquisas efetivas na criação desses currículos.

Estes déficits de profissionais, estudos e tabus sociais para a explicação da sexualidade de adolescentes podem ser compreendidos como uma expressão do movimento político atual. Entendido pela dependência de pequenos laboratórios nas Universidades do Brasil para estudos científicos (Sousa *et al*, 2020) somado com o levante do conservadorismo que vem se instaurando na Europa e Américas nos últimos anos. Este que desabilita o desenvolvimento científico através do enfraquecimento da Seguridade Social fragilizando a *res publica* através de controle de gastos e a privatização de segmentos públicos (Silva, 2021).

Assim, a discussão destaca não apenas a importância crítica de implementar intervenções adaptadas, mas também a necessidade premente de direcionar esforços para preencher essa lacuna na pesquisa, a fim de melhorar significativamente a educação sexual para adolescentes autistas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou estudar como ocorre o desenvolvimento sexual de adolescentes com TEA. Os achados foram obtidos por intermédio dos três tópicos principais: dificuldades do adolescente autista em relação à sexualidade, práticas de cuidadores e/ou familiares que afetam o desenvolvimento sexual do adolescente e diferentes técnicas de intervenção adequadas para auxiliar o adolescente autista.

Como resultado, este estudo identificou que a pessoa dentro do espectro geralmente possui sexualidade diversa e a limitação na comunicação verbal desses adolescentes dificulta a expressão de necessidades e desejos. A falta de compreensão de conceitos complexos relacionados à sexualidade por parte dos adolescentes com TEA contribui para frustrações e comportamentos inadequados.

Estes comportamentos se desenvolvem, pois, a sexualidade de pessoas com TEA é interdita desde a mais tenra idade, pois o jovem é atravessado por tabus de seus cuidadores que possuem desconforto ao tratar deste tema. O desconforto pessoal no ensino da sexualidade com jovens faz com que os responsáveis falem cada vez menos sobre tópicos relacionados ao desenvolvimento sexual. A demora na educação sexual e a descredibilização das experiências sexuais de adolescentes com TEA pelos cuidadores são fatores críticos. Isso resulta em comportamentos sexuais mal adaptativos, conforme observado em diferentes estudos.

No desenvolvimento de técnicas, foi observado que existem poucos estudos direcionados a esta temática, porém entre os poucos, a comunicação aberta se destacou no ensino da sexualidade, porém os pais nos artigos analisados apontam que existe um déficit de profissionais capacitados para realizar o treino parental sobre como se comunicar com os filhos. A implementação bem-sucedida dessas intervenções não só beneficia os adolescentes no espectro, mas contribui para uma compreensão mais abrangente e respeitosa da sexualidade em toda a sociedade.

Com a compilação destas informações este estudo auxilia psicólogos e responsáveis a conhecerem como ocorre esse desenvolvimento atípico da sexualidade e quais técnicas estão sendo utilizadas para este ensino. Os resultados desta revisão sistemática auxiliarão equipes multidisciplinares: psicólogos, educadores e familiares que lidam com as mudanças inerentes do desenvolvimento

sexual, além de servir de base para contribuir para futuras pesquisas focadas no âmbito nacional e no desenvolvimento de intervenções nacionais direcionadas a esse grupo específico.

Este estudo enfrenta como principal limitação a dependência de uma revisão de artigos em inglês, resultando na ausência de publicações nacionais que abordem o tema. Apesar de alguns poucos artigos nacionais compartilharem variáveis semelhantes na experiência do desenvolvimento sexual de adolescentes atípicos em contextos internacionais e nacionais, é imperativo conduzir mais pesquisas que destaquem as especificidades da sexualidade neurodivergente no contexto brasileiro e que se foquem principalmente na percepção subjetiva destes sujeitos sobre sua sexualidade.

Uma potencialidade de desenvolvimento acadêmico são elaborações de estudos voltados para o desenvolvimento de planos educacionais focados na sexualidade de adolescentes com autismo, principalmente na elaboração de práticas adaptativas que se adequem as limitações que o sujeito pertencente ao espectro possua e que também auxiliem o adolescente a lidar com emoções de frustração que pode se encontrar instalada. No tocante ao ensino de sexualidade é fundamental para o desenvolvimento pessoal do adolescente para além de sua afirmação como sujeito, mas também para que este compreenda limites, saiba impedir e lidar interações inadequadas.

Outra fonte de estudos são a elaboração de práticas de escuta e currículos educacionais sobre sexualidade voltados para pais/cuidadores de adolescentes autistas, pois estes são sujeitos cruciais para o ensino dos adolescentes e em vários artigos foi percebido que estes não possuíam conhecimento de como conversar com os filhos.

5 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARNETT, J. P.; MATICKA-TYNDALE, E. Qualitative exploration of sexual experiences among adults on the autism spectrum: Implications for sex education. **Perspectives on sexual and reproductive health**, v. 47, n. 4, p. 171–179, 2015.

BRILHANTE, A. V. M. et al. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciencia & saude coletiva**, v. 26, n. 2, p. 417–423, 2021.

DE TILIO, R. Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. **Psicología Conocimiento y Sociedad**, v. 7, n. 1, p. 36–58, 2017.

DEWINTER, J. et al. Sexuality in adolescent boys with autism spectrum disorder: self-reported behaviours and attitudes. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 45, n. 3, p. 731–741, 2015.

DEWINTER, J. et al. Adolescent boys with autism spectrum disorder growing up: follow-up of self-reported sexual experience. **European child & adolescent psychiatry**, v. 25, n. 9, p. 969–978, 2016a.

DEWINTER, J. et al. Parental awareness of sexual experience in adolescent boys with autism spectrum disorder. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 46, n. 2, p. 713–719, 2016b.

DROZDOWICZ, L. et al. Sexual health in child and adolescent psychiatry: Multi-site implementation through synchronized videoconferencing of an educational resource using standardized patients. **Frontiers in psychiatry**, v. 11, p. 593101, 2020.

FERNANDES, L. C. et al. Aspects of sexuality in adolescents and adults diagnosed with autism spectrum disorders in childhood. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 46, n. 9, p. 3155–3165, 2016.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e serviços de saude: revista do Sistema Unico de Saude do Brasil**, v. 23, n. 1, p. 183–184, 2014.

GEORGE, R.; STOKES, M. A. Gender identity and sexual orientation in autism spectrum disorder. **Autism: the international journal of research and practice**, v. 22, n. 8, p. 970–982, 2018.

GERALDA ANDRÉ, T. et al. Comunicación sexual en padres de hijos con trastorno del espectro autista. **Siglo cero (Madr.)**, p. 9–20, 2022a.

GERALDA ANDRÉ, T. et al. Percepción de los padres acerca de la comunicación sobre sexualidad de sus hijos con trastorno del espectro autista. **Index de enfermería**, v. 31, n. 4, p. 255–259, 2022b.

HOLMES, L. G.; HIMLE, M. B. Brief report: parent-child sexuality communication and autism spectrum disorders. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 44, n. 11, p. 2964–2970, 2014.

HOLMES, L. G.; HIMLE, M. B.; STRASSBERG, D. S. Parental romantic expectations and parent-child sexuality communication in autism spectrum disorders. **Autism: the international journal of research and practice**, v. 20, n. 6, p. 687–699, 2016.

JOYAL, C. C. et al. Sexual knowledge, desires, and experience of adolescents and young adults with an Autism Spectrum Disorder: An exploratory study. **Frontiers in psychiatry**, v. 12, p. 685256, 2021.

MACKIN, M. Parent Perceptions of Sexual Education Needs for Their Children With Autism. **J Pediatr Nurs**, p. 608–618, 2016.

MAY, T.; PANG, K. C.; WILLIAMS, K. Brief report: Sexual attraction and relationships in adolescents with autism. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 47, n. 6, p. 1910–1916, 2017.

NERY, I. S. et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 3, p. 287–292, 2015.

PAGE, M. J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ (Clinical research ed.)**, p. n71, 2021.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre, Artmed, 12^oed.

PECORA, L. A. et al. Gender identity, sexual orientation and adverse sexual experiences in autistic females. **Molecular autism**, v. 11, n. 1, p. 57, 2020.

PUGLIESE, C. E. et al. Feasibility and preliminary efficacy of a parent-mediated sexual education curriculum for youth with autism spectrum disorders. **Autism: the international journal of research and practice**, v. 24, n. 1, p. 64–79, 2020.

RICARDO, L. S.; ROSSETTI, C. B. Inclusão: um enfoque piagetiano sobre as relações de amizade no contexto escolar. **Psicopedagogia**, v. 29, n. 90, p. 301–312, 2012.

SEGEREN, L.; FRANÇOZO, M. DE F. DE C. As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em estudo**, v. 19, n. 1, p. 39–46, 2014.

SILVA, A. S. O conservadorismo brasileiro na atualidade: sua filiação à agenda neoliberal. **Argumentum**, v. 13, n. 2, p. 96–108, 2021.

SOUZA, D. L. DE et al. A perspectiva dos pesquisadores sobre os desafios da pesquisa no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e221628, 2020.

TORRALBAS-ORTEGA, J. et al. Affectivity and sexuality in adolescents with autism spectrum disorder from the perspective of education and healthcare professionals: A qualitative study. **International journal of environmental research and public health**, v. 20, n. 3, p. 2497, 2023.

TURNER, D.; BRIKEN, P.; SCHÖTTLE, D. Autism-spectrum disorders in adolescence and adulthood: focus on sexuality. **Current opinion in psychiatry**, v. 30, n. 6, p. 409–416, 2017.

VISSER, K. et al. Study protocol: a randomized controlled trial investigating the effects of a psychosexual training program for adolescents with autism spectrum disorder. **BMC psychiatry**, v. 15, n. 1, 2015.

VISSER, K. et al. A randomized controlled trial to examine the effects of the Tackling Teenage psychosexual training program for adolescents with autism spectrum disorder. **Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines**, v. 58, n. 7, p. 840–850, 2017.

WEIR, E.; ALLISON, C.; BARON-COHEN, S. The sexual health, orientation, and activity of autistic adolescents and adults. **Autism research: official journal of the International Society for Autism Research**, v. 14, n. 11, p. 2342–2354, 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Faculdade Ari de Sá
Gerada automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A326s Albano, Kendo Saraiva Albano.
SEXUALIDADE INTERDITA: O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES COM TEA /
Kendo Saraiva Albano Albano. – 2023.
32 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Ari de Sá, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Carlos Eduardo Esmeraldo.

1. Desenvolvimento Sexual. 2. Adolescentes Autistas. 3. Educação Sexual. 4. TEA. 5. Autismo. I.
Título.

CDD 150
